TOMA A TUA CRUZ

Mateus 16:24

Há muitos textos nas Escrituras que infelizmente costumam ser interpretados de forma equivocada. É o caso do texto que acabamos de ler. Um texto muito conhecido, mas que por gerações tem sido usado para destacar a necessidade de enfrentarmos com paciência, com perseverança, as situações difíceis da vida.

Como se elas tornassem genuína a nossa experiência cristã, o nosso discipulado cristão.

A cruz de que fala o texto e que precisamos colocar sobre os ombros a fim de seguir a Jesus, tem sido interpretada, tem sido identificada com alguma enfermidade nossa ou de um ente querido ou então com dificuldades financeiras, o desemprego, o divórcio, problemas familiares, um marido ranzinza, uma mulher rabugenta, e há muitos que se consolam a sí mesmo dizendo: "Ah, se essa é minha cruz então que assim seja! Que seja feita a vontade de Deus, Ele sabe o que é melhor para mim".

Conquanto como cristãos muitas vezes teremos que renunciar muitas coisas e passar por muitas provações. A cruz de que Cristo fala aqui não é bem esta. É totalmente diferente. A experiência que Ele se refere aqui neste texto é muito mais dramática e dolorosa de que nós imaginamos. Está relacionada com a Sua própria experiência no calvário.

Em outras palavras o princípio básico do discipulado cristão como diz Jesus, se alguém quer vir após Mim,. não tem que ver apenas com o sofrimento um problema qualquer, por mais grave que seja. Mas com algo ainda mais difícil, ainda mais doloroso, tem que ver com a morte, a morte do eu, seu total aniquilamento, e enquanto não chegarmos a este ponto, nossa fé não será genuína, nossa vida cristã não terá sentido, nossa religião será uma farsa.

Vejamos porque.

Mateus 16:13, 14

Jesus estava nas proximidades de Cesaréia de Felipe, uma bela cidade localizada um pouco ao norte da cidade da Galiléia, fora dos limites judaicos.

Era uma região totalmente pagã, que pouco ou nada sabiam a respeito dEle. Jesus se dirigira para lá justamente a fim de ter um pouco mais de privacidade com os seus discípulos. Lá eles estariam livre dos fariseus, dos escribas, estariam livres das multidões que o seguiam a todo instante.

Jesus desejava fazer uma revelação de importante significado para Seus discípulos. Chegara o momento de Jesus lhes falar acerca de Sua própria morte. A maior parte dos discípulos já estavam com Jesus acerca de três anos, apesar disto eles nada sabiam acerca de Seu sacrifício; tivesse Jesus feito logo de início esta revelação ao chama-los, por exemplo, eu duvido que algum deles aceitassem o chamado para que O seguissem.

Chegara porém o momento. Mais uns poucos meses apenas e a obra de Cristo na terra estaria terminada. Era hora de os discípulos decidir se iriam com o Mestre até o

final, até o Calvário ou se haveriam de recuar. Era hora de decidir se estariam dispostos a morrer com Jesus, ou se ainda preferiam a velha vida que haviam tido até ali.

Jesus ainda não lhes falara absolutamente nada sobre o calvário. Mas Jesus não foi direto ao assunto. Sua primeira pergunta foi bastante genérica. Ele começou a rodear um pouquinho, para não chocar demais os discípulos. Começou perguntando: “O que andam dizendo por aí a meu respeito?”.

“Ah, Mestre, uns dizem que Tu és Elias, outros dizem que Tu és Jeremias, alguns dizem que Tu és João Batista que morreu alguns meses atrás, e ressuscitou, alguns dizem que Tu és um dos profetas”. A resposta mostrou que infelizmente Israel não via em Jesus o Messias tão aguardado.

Ao ouvir os Seus ensinos e os milagres que Ele fazia, eles chegavam ao ponto de identifica-lo com alguns dos grandes profetas do passado, Elias, Jeremias, ou mesmo o recente João Batista, mas não chegavam ao ponto de identificá-lo como o Messias.

Então Jesus olha para os discípulos e lhes pergunta de forma direta:

“E vós, quem dizeis que Eu sou?”

Antes de explicar a real natureza de Sua missão, Jesus precisava fazer com que os discípulos confessassem a sua fé nEle como sendo o Messias, porque somente se já O tivessem aceito como o Messias tão esperado, é que poderiam entender acerca de Sua morte, acerca de Seu sofrimento.

E vós, quem dizeis que Eu Sou?. Diante da pergunta de Cristo, Pedro, sempre é Pedro, é o mais espontâneo dentre todos os discípulos, tomou a palavra e disse aquilo que lemos no versículo 16: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.

Diz a Sra. White que quando Pedro declarou estas palavras, ele o fez em nome de todos os discípulos. Desde o princípio eles acreditavam que Jesus era o Messias. e por isso o seguiam. Muitos outros no início chegaram a partilhar da mesma crença, principalmente por influência das pregações de João Batista.

Mas de repente João Batista não mais existia; fora morto, fora executado por ordem de Herodes. E aqueles discípulos, não os doze, os outros começaram a duvidar um pouco, do próprio João Batista, e por conseguinte começaram a duvidar também de Cristo. Apenas um grupo permaneceu fiel até o fim. Pedro e seus companheiros.

A declaração de Pedro *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*, era autêntica, e ele exprimia a fé dos doze que ali estavam. É certo que eles não compreendiam ainda a verdadeira missão de Cristo, estavam muito longe de compreendê-la, mas O aceitavam como Messias.

Os discípulos, à semelhança dos demais judeus, tinham plena certeza de que eram o povo do concerto, o povo escolhido de Deus, e por isso jamais permitiam que a fé na vinda do Messias fosse abalada. Apesar das calamidades nacionais, dos problemas constantes, das opressões inimigas, esta fé continuou bem sólida no coração de todos eles. Eles estavam plenamente seguros em relação à vinda do Libertador, á vinda do Messias.

O problema era que a visão que eles tinham da obra do Messias estava muito equivocada. Para eles a obra do Messias seria de dimensão puramente horizontal. Ele viria como um grande Libertador político, militar, viria para restaurar o trono de Davi, expulsar os romanos, exaltar novamente Israel sobre todas as nações do mundo.

Eles haviam perdido de vista a obra espiritual de Cristo: A salvação do pecador.

E os doze discípulos, seguiam Jesus esperando que em breve Ele ocupasse o trono de Jerusalém. Eles achavam que Jesus não iria permanecer na pobreza, na obscuridade por muito tempo, de que em breve Ele haveria de assumir a Sua verdadeira identidade. Faltava-lhes compreender portanto a real natureza da missão de Cristo.

Mas confiavam nEle, acreditavam nEle; e foi somente então, depois de eles confessarem a sua fé em Jesus como o filho de Deus, somente então Jesus lhes falou acerca de Sua morte, acerca de Seus sofrimentos.

Versículo 21

Os discípulos já o aceitavam como o Messias. Precisavam agora compreender a real natureza de Sua missão.

A Sra., White declara que quando os discípulos ouviram estas palavras de Jesus de que Ele deveria ir para Jerusalém onde seria morto, eles ficaram mudos de espanto, de angústia. Minutos antes Ele aceitara o testemunho de Pedro de que Ele era o Filho do Deus vivo, o Messias longamente esperado. E agora falava em sofrimento e morte? Esta idéia, de acordo com a opinião deles, não se encaixava com aquilo que eles pensavam acerca da vida e da obra do Messias.

Não tinha nada que ver com aquilo que Ele viera para realizar. O Messias viria para reinar, e não para morrer. Eles ficaram confuso, preocupados. Eu imagino até que no mesmo instante um profundo sentimento de temor devem ter tomado conta do coração de cada um deles. Será que não haviam tido um grande erro, o maior de toda a sua vida, terem deixado tudo para seguir a Jesus? A mudança que havia ocorrido na vida daqueles homens havia sido enorme, eles haviam deixado seus empregos, havia deixado seus lares, e agora estava diante da possibilidade de que tudo aquilo pudesse em dar em nada? Todos os seus sonhos em relação ao glorioso Reino do Messias pareciam se desmoronar... Por outro lado, eles tinham convicção de que Jesus era o Messias; eles haviam ouvido seus ensinos, haviam presenciado Seus milagres, eles estavam convencido que Jesus era o Cristo, mas agora Cristo falava em sofrimento e morte, eles não podiam entender.

Pedro mais uma vez não se conteve, chamou Cristo um pouco à parte e lhe disse o seguinte:

Versículo 22

Pedro amava ao Seu Senhor. Ele estava convencido realmente que Jesus era o Filho de Deus. E a única conclusão ao ouvir as palavras de Jesus de sofrimento e morte, a única conclusão a que chegou era que Jesus estava passando por uma crise de depressão.

Senhor, o que está acontecendo, o Senhor está um pouco deprimido hoje. Porque estas palavras pessimistas de sofrimento e morte? Isto nunca te acontecerá. Coragem, ânimo!

Apesar de sua boa intenção Pedro ouviu uma das mais severas repreensões que saíram dos lábios de Jesus.

Versículo 23

Que dura repreensão!

Mas nós entendemos por estas palavras que era Satanás quem buscava desanimar a Jesus no objetivo de Sua vida. Pedro em seu cego amor, estava como que sendo o porta-voz da tentação naquele momento. Era o príncipe das trevas quem fora o autor daquele pensamento.

Na verdade desde o Seu nascimento, Jesus fora o alvo das principais investidas do inimigo que tentava a todo custo impedí-lo de realizar Sua obra. Na matança dos inocentes em Belém, no deserto logo após o seu batismo, na crescente oposição dos líderes judaicos, no abandono de muitos seguidores e agora querendo usar um de Seus discípulos mais íntimos, o próprio Pedro.

As palavras de Cristo portanto, na verdade foram dirigidas não a Pedro, mas àquele que o induzira a tentar o Seu Senhor, a desviar-se de Sua missão. Mas Cristo não parou aí. Além de fazer com que os discípulos procurassem entender a Sua missão, que Sua missão seria de natureza espiritual, que Ele viera para ser o Redentor do mundo, e não o Libertador de Israel, que Ele viera para ser o Salvador da humanidade, e não aquele que haveria de restaurar o trono físico de Davi, Jesus também disse que se eles realmente desejassem segui-Lo, precisariam passar pelas mesmas experiências.

Versículo 24

Os discípulos não apenas esperavam que em breve Jesus se tornasse Rei, como também almejavam participar da glória do reino.

Viviam discutindo entre sí, quem dentre nós é o maior, para que assente à direta de Seu trono.

Agora porém Cristo fala em morte, abnegação, e o pior tipo de morte, morte de Cruz. A crucificação era pratica pelos romanos, costumava empregá-las para executar escravos, rebeldes, prisioneiros de guerra, e os piores tipos de criminosos, era o mais doloroso e humilhante tipo de morte que existia, e os discípulos a conheciam muito bem.

Certamente eles já haviam testemunhado muitas execuções por crucificação. Já havia ouvido os gritos de dor, presenciado a agonia dos condenados. Agonia esta que dependendo da resistência da vítima poderia se prolongar por 3, 5, 6, 7 ou 9 dias. Na cruz. A idéia de que Jesus deveria morrer, portanto, por sí só já os assustou demais.

Mas essa agora de que eles deveriam tomar a sua cruz e seguir a Jesus, lhes pareceu especialmente pavorosas. Mas não havia nenhuma dúvida. As palavras de Jesus foram suficientemente claras, tomar a cruz e seguir a Jesus, não podia significar outra coisa para os discípulos senão colocar na condição de um condenado e se colocar a caminho do local de sua execução.

Porque todos os condenados tinham que tomar a própria cruz sobre os ombros, atravessar a cidade, e se dirigir ao local indicado, fora dos portões, onde seria executado.

Para que não restasse definitivamente nenhuma dúvida, Cristo acrescentou:

Versículo 25

Não havia dúvida. Jesus não estava falando de outra coisa a não ser de morte. Nesses que talvez foi um dos momentos mais importantes na vida de Cristo com os discípulos, Ele anunciou o princípio básico do discipulado cristão, a morte, morte do eu e seu total aniquilamento.

Os discípulos pensavam haver atingido, o ponto mais alto de sua religião, ao confessar a sua fé em Jesus como o Filho de Deus, mas esse foi apenas o começo, ainda tinham que compreender qual seria a verdadeira natureza da missão de Cristo, e mais que isto, ainda tinham que participar da própria execução da missão, ainda teriam que experimentar a mesma morte de Cristo, a morte do eu, a morte com Cristo sobre a cruz do calvário.

Da mesma forma, há muitos hoje em dia que aceitaram a Jesus como Seu Salvador, são crentes sinceros que podem não compreender muito bem o que isso significa, mas O aceitaram de coração. Não há nada de errado com isto, pois tão convicção é gerada pelo Espírito Santo, diz a Bíblia. A sinceridade portanto, mas a fé dessas pessoas ainda é frágil, ainda é pequena, porque lhes falta entender a enormidade de seu pecado, lhes falta entender o estado de miséria e obscuridade de sua alma, e o real significado da obra de Cristo, da morte de Cristo sobre o calvário, que pode propiciar perdão, reconciliação com Deus e uma vida inteiramente transformada.

Há um outro grupo, aqueles que aceitaram a Jesus como o Seu Salvador pessoal e que entendem a natureza de Sua missão, mas que ainda não passaram eles mesmos com a experiência da cruz, pela experiência da morte. São crentes que se limitam a um conhecimento teórico, acerca dos vários aspectos da obra salvífica de Cristo.

Confundem fé com mero sentimento intelectual. E com isso enganam-se a sí mesmos, com a idéia de que aquilo que sabem, que o conhecimento que possuem já é suficiente para a sua salvação. É tudo de que necessitam na vida cristã.

E muitas vezes nós mesmos, e agora quero falar especialmente àqueles que são líderes da igreja, nós mesmos, muitas vezes somos os responsáveis por haver pessoas assim na igreja.

Damos estudos bíblicos com uma perfeição tal que ninguém pode contestar, que ninguém pode refutar, e assim convencemos o interessado de que estamos com a verdade, levamos ao interessado apenas um código doutrinário, destituído da pessoa de Cristo, trazemos o interessado para a igreja, antes de levá-lo aos pés de Cristo.

Não passamos nós pela experiência da cruz, pela experiência do calvário, e com isso não conseguimos levar ninguém a passar pela mesma experiência, a tomar a cruz sobre os ombros, e a nela crucificar sua velha natureza, os seus velhos gostos, as suas velhas inclinações, o resultado, o resultado é uma igreja forte no conhecimento doutrinário, versada nas escrituras, mas fraca espiritualmente.

Membros que dizem ter nascido de novo, mas que na verdade nasceram mortos. São uma ameaça à sobrevivência da igreja. Ouçam esta situação da Sra. White:

“A aceitação de membros que não tem o coração renovado, nem transformada a vida, é causa de fraqueza para a igreja”.

Alguns pastores em igrejas, estão tão ansiosos por aumentar o número de membros que não mantém um fiel testemunho contra práticas e hábitos anti-cristãos, daí muitos se unirem à igreja sem primeiro se unir a Cristo. Então diz a Sra. White: “Nisto Satanás triunfa. Esses conversos são os seus mais eficientes agentes, Servem de laço para as outras almas, são luzes falsas, desviando os incautos para a perdição”.

Não são palavras minhas. O que precisamos entender é que o cristianismo é a religião da cruz e que jamais teremos vida se não passarmos antes pela experiência da morte, a morte com Cristo sobre o calvário.

E agora eu quero fechar o parêntesis e falar a todos novamente. Se todos nós somos pecadores, e se o salário do pecado é a morte, nós temos que entender que não há solução para o problema de nosso pecado, que não passe pela morte.

Não basta porém que Cristo morra em nosso lugar, é aqui que muitos se equivocam. A morte de Cristo não garante automaticamente o perdão a nenhum de nós.

A menos que aceitemos pela fé, ela não poderá nos trazer nenhum benefício. E a verdadeira fé, não é aquela que se limita a uma mera aceitação dos fatos, também não é aquela que se limita a uma mera compreensão do que esses fatos significam, por mais profundo que sejam o meu conhecimento.

A verdadeira fé, a fé salvadora, é aquela mediante a qual nós nos identificamos com o Cristo crucificado, é aquela mediante a qual nos unimos com Cristo em Sua morte, para que nossa velha natureza receba a condenação que merece; a verdadeira fé é aquela mediante a qual decretamos a morte de nossa velha vida de pecados e o início de uma nova vida com Deus.

Romanos 6:3-7

Não há solução para o problema de nosso pecado que não passe pela morte.

Somente quem morreu, diz Paulo, é que está justificado, e se o nosso velho homem morreu, se somos velhas criaturas, o que seria, o que se esperaria de nós, se o nosso velho homem morreu, não continuaremos a servir o pecado como escravos, como declara o apóstolo. Nossa vida será outra, haveremos de viver em novidade de vida, andar em novidade de vida, e é exatamente aqui que alguns de nós falhamos em nossa vida cristã, pois relutamos em morrer, e o resultado é que não conseguimos nos desvencilhar das inclinações, dos maus hábitos que sempre caracterizaram a nossa vida.

Passamos muitas vezes pela experiência do batismo, que como diz Paulo, deveria simbolizar o sepultamento de nossa velha vida, e a ressurreição para uma nova vida, o nascimento de um novo ser, mas continuamos os mesmos.

Eu li certa vez de uma vez de uma mulher, que insistia sempre com o seu marido e seus filhos dizendo: Quanto eu morrer, verifiquem bem se eu estou realmente morta; por favor não me enterrem viva.

Os seus temores não eram totalmente infundados, e a mesma matéria descrevia o caso dramático de um comerciante mexicano de 52 anos de idade,que foi por engano

declarado morto e depois sepultado. No dia seguinte ao do sepultamento, o guarda noturno do cemitério foi à polícia e contou que ouviu batidas, vinda da nova sepultura. Conseguiu-se então uma ordem , uma autorização para a exumação do corpo.

E quando verificaram na tampa de vidro do caixão estava quebrada; e as mãos do homem estavam todas dilaceradas. A conclusão foi óbvia. Ele havia sido sepultado por engano. Recobrou a consciência, tentou sair, e então acabou morrendo de fato.

Histórias assim não são tão raras, de vez em quando ouvimos uma delas.

Tal relato não é único na história; e o medo de ser sepultado vivo é muito mais comum do que podemos imaginar.

Na Inglaterra existe até uma centenária organização, denominada Sociedade para Prevenção de Sepultamento Prematuro. Os seus membros lutam por mais rigorosos exames dos corpos, a fim de não serem sepultados vivos.

E na matéria que eu li numa revista falava que um dos membros desta sociedade um milionário excêntrico, já havia mandado encomendar o seu caixão. Um caixão enorme, com ar condicionado, geladeira, luz elétrica e um telefone para se comunicar, caso ele fosse sepultado por engano.

Ninguém duvida que é necessário haver morte antes do sepultamento, ninguém questiona isto, é lógico que precisa. Mas muitos se esquecem que na vida espiritual, também deveria ser assim. Deve haver morte antes do sepultamento nas águas batismais.

O velho homem deve morrer, do contrário a conversão será apenas uma farsa.

A Sra. White declara, em uma outra citação muito forte:

“Muitos, diz ela, muitíssimos que toma o nome de Cristo. Foram batizados, mas foram sepultados vivos. O eu não morreu, portanto não ressurgiram para uma nova vida em Cristo Jesus”.

A nossa experiência cristã não será completa, a nossa religião não será genuína, enquanto não negarmos definitivamente o nosso próprio eu, crucificando-o na cruz do calvário, fazendo-o morrer ali. E a negação do eu, ou a auto-negação, não significa simplesmente negar a nós mesmos e certos luxos ou prazeres, negarmos a nós mesmos, significa deserdar aos nosso próprios seres, renunciando ao nosso suposto direito de seguir ao nosso próprio caminho. Significa voltarmos completamente da idolatria do eu, das idéias, das práticas, dos vícios que gostamos, mas que nos separam de Cristo, porque ocupam em nossa vida o lugar que deveria ser unicamente dEle.

E é isto que Paulo se refere em **Gálatas 5:24**.

Certa vez como pastor eu tive de conversar com um membro que não estava procedendo corretamente segundo a orientação de Deus, para meu espanto ouvi a seguinte frase dele: “Se para ir para o céu, tiver que deixar de fazer isto, então eu prefiro ir para o inferno”.

Eu jamais imaginaria que um membro batizado da igreja fosse capaz de dizer isto.

Os que são de Cristo crucificaram a carne com suas paixões e concupiscências. Quadro algum poderia ser mais vívido do que este, pegar um martelo e pregos a fim de cravar a nossa natureza caída e escorregadia na cruz, matando-a por fim.

E a idéia da crucificação para ilustrar a negação ou renúncia do eu é muito oportuna. Porque assim como ninguém consegue se crucificar a sí mesmo, assim também a morte do eu, não é uma conquista pessoal.

Ninguém consegue por sí mesmo se livrar de sua velha vida, de seus velhos gostos, de suas velhas inclinações, de seu mau gênio, de suas vaidades de seu egoísmo, não conseguimos nos desvencilhar disto, quando muito podemos nos disciplinar, mas não nos desvencilhar. Isto é obra de Cristo através do poder do Espírito Santo. Cristo pode nos transformar, Cristo pode restaurar a Sua imagem em nós, fazermos novas criaturas; sozinhos , o máximo que poderíamos fazer numa cruz, por exemplo se quiséssemos nos crucificar a nós mesmos, seria pregar os nossos próprios pés, nos máximo, mas não conseguiríamos pregar as nossas próprias mãos.

Assim também, na vida espiritual, confiados em nossa própria força, até podemos superar alguns vícios, nos disciplinar um pouco, nos policiar um pouco, vencer algumas das inclinações de nossa carne.

Não podemos, todavia, extingui-lo por completo. Isto que nossa própria vontade de acha debilitada, se acha enferma pelo pecado. Mas se recorrermos ao poder do Espírito Santo, se colocarmos a nossa vontade em sujeição à Ele, então nada nos será impossível.

Se pelo Espírito, diz Paulo, fizerdes morrer os feitos do corpo, certamente vivereis.

Trata-se portanto de uma ação conjunta entre o homem e Deus.

Sozinho o homem não pode por mais que se esforce. E o Espírito Santo, por sua vez, nunca força a vontade humana.

Precisamos desejar ser libertos do pecado, escolher renunciar a nós mesmos, viver segundo a vontade de Deus, para que o Espírito Santo possa operar. Enquanto não chegarmos ao ponto de render a nossa própria vontade a Deus, de escolhermos agora a ser cristãos, o Espírito Santo nada poderá fazer por nós.

Mas como escolher ser cristãos?

Vida cristã na maioria dos casos se resume às escolhas que fazemos ao longo da vida, as decisões que tomamos, e estas decisões vão indiciar aquilo que nós queremos para o nosso futuro.

Vida cristã muitas vezes se resume ao tomarmos decisões quanto a ir ou não a determinados lugares, que não são convenientes; a fazer ou não determinadas coisas, a ter ou não determinadas amizades que poderão ser prejudiciais, assistir ou não a determinados filmes, que poderão alimentar as baixas, as velhas paixões existentes no ser humano pecador, em tomar decisões e as decisões que tomamos na vida, vão indicar o futuro que queremos para nós, que vão indicar se estamos abrindo a nossa alma para a operação do Espírito Santo.

Já passamos nós pela experiência da cruz? Já crucificamos na cruz de Cristo nosso próprio eu com tudo que ele representa? Ou será que nossa fé ainda não passa de mera teoria, o arroubo de emoções ou então uma experiência puramente política.

Se esse for caso de alguém aqui presente, eu gostaria de convidá-lo esta noite a ir comigo ao Calvário, e ali permitir com que sua velha natureza receba a condenação que merece, seja crucificada, até que finalmente venha a morrer.

Vai doer um pouco. A morte na cruz é difícil, prolongada, mas é necessária. Não há salvação enquanto não reconhecermos que somos pecadores; enquanto não reconhecermos que nosso velho homem precisa ser condenado, enquanto não renunciarmos as nossas vaidades, nosso egoísmo, nosso orgulho, as nossas condições pecaminosas, aos nossos gostos, enquanto não nos rendermos completamente à operação do Espírito Santo, a fim de ser por ele transformados.

A Sra. White faz o seguinte apelo a todos nós:

"Guardai-vos da procrastinação". Esta palavra quase já não é mais usada hoje em dia. Procrastinação seria "adiamento". Guardai-vos do adiamento, diz ela, não adieis a obra de abandonar os vossos pecados, de buscar em Jesus pureza de coração. Só com risco de infinita perda, é que podemos condescender com o pecado, por pequenino que seja. Se nós não vencermos, diz ela, vencer-nos-á a nós, operando em nós a destruição".

Também é possível que haja alguém aqui nesta noite, que já tomou um dia a decisão de morrer com Cristo, de lhe submeter a sua velha vontade para que Ele o santificasse, mas que tem percebido ultimamente que o seu velho homem está revivendo, parece que está mais uma vez querendo assumir o controle da sua vida. Sabe porque isto ocorre? Porque raramente alguém morre no mesmo dia em que é crucificado. A morte por crucificação costumava demorar às vezes até 9 dias; é por isso que os romanos costumavam deixar soldados no lugar montando guarda na cruz para que ninguém viesse durante a noite ou no dia seguinte e resgatasse o condenado ainda vivo da cruz. tratasse dele e fizesse com que ele se fortalecesse novamente.

O mesmo acontece na vida espiritual. A morte do velho homem não é instantânea, não ocorre no momento exato em que o pregamos na cruz, razão pela qual deve haver constante vigilância de nossa parte, constante comunhão com Deus, para que Satanás não venha e não roube e não tire este velho homem ainda vivo da cruz, e o faça mais presente do que nunca, mais forte do que nunca e com isto alcance o domínio sobre nós.

Não basta portanto que estejamos genuinamente salvos, não basta que tomemos a cruz sobre os ombros, subamos as encostas do calvário, e ali crucifiquemos o nosso velho homem.

Se essa experiência não se fizer acompanhar da devida vigilância espiritual de que a Bíblia tanto fala, a comunhão com Deus, na primeira chance que tiver, o inimigo virá, e sem que percebamos ele tirará da cruz aquele velho homem ainda vivo e fará com que se fortaleça e volte a dominar os nosso pensamentos, as nossas ações, levando-nos novamente ao pecado.

Não estaria por acaso isso acontecendo com você?

Não tem você descuidado da comunhão com Deus de modo a permitir que o seu velho homem reviva outra vez?

Talvez você tenha voltado a praticar certos pecados que havia superado, certos vícios que já havia abandonado, talvez você sinta que velhas vaidades, que velhas ambições estejam novamente tomando conta de seu coração.

Se for esse o seu caso eu gostaria de convidá-lo a neste exato momento dar meia-volta, voltar ao calvário, e expulsar os demônios que estão tentando retirar o seu velho homem da cruz, em nome de Jesus.

Resisti ao diabo, diz a Bíblia, e ele fugirá de vós.

Tão importante, portanto, quanto ser crucificado, é permanecer crucificado.

Somente com muita oração e muito estudo da Bíblia, é que poderemos impedir o inimigo de tomar outra vez conta de nossa alma.

Se assim o fizermos, não só estaremos sendo verdadeiros discípulos de Cristo, como também estaremos desfrutando da mais extraordinária experiência de fé, jamais outorgada a um pecador, que é viver outra vida, a própria vida de Cristo.

Agostinho estava certa vez caminhando sobre as ruas de Milão, quando ele cruzou com uma prostituta conhecida de seus velhos dias de folia, ali ele passou a passos firmes, ela parou, se virou e disse: Agostinho, sou eu. Ele parou mas sem se virar e disse: Eu sei, só que eu já não sou mais eu.

Já estou crucificado com Cristo, diz Paulo, e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a Sí mesmo se entregou por mim.

Que Deus nos dê esta experiência. Amém